Cadernos de História
Memorial do Rio Grande do Sul , nº 11

Voltaire Schilling



Boneca do teatro bunraku (século XVIII)

Governo do Estado do RS – Germano Rigotto
Secretaria de Estado da Cultura – Roque Jacoby
Memorial do RS – Voltaire Schilling e Luiz Alberto Gusmão

Introdução

Japão

da espada à indústria

O Japão, para os ocidentais, por séculos, parecia ficar lá para os lados do fim do mundo, onde tudo se acabava. Era a misteriosa e longínqua ilha de Cipango, citada por Marco Pólo e descoberta pelo navegador português Mendes Pinto, em 1542. Para os nipônicos, ao revés, o seu arquipélago situava-se no começo de tudo,é de onde se desfruta por primeiro a paisagem da notável bola incandescente emergindo do Oceano Pacífico. Os nipônicos acreditavam, portanto, descender da celestial Amaterasu Omikami, a deusa do Sol.

Um mundo ao revés

Segundo o visitador jesuíta Alexandro Valignano (1539-1606), num relatório enviado aos seus superiores, intitulado "Sumário das coisas do Japão", de 1583, os japoneses eram diferentes dos ocidentais em quase tudo. Polidos, asseados, gentis, fossem eles nobres ou gente do povo, não tinham a ignorância nem a rusticidade do camponês europeu.

Percebeu-os, mesmo as crianças, extremamente dotados para o estudo e para o rápido aprendizado de tudo: da escrita latina à ciência. Todavia, aos olhos dele, os nativos faziam as coisas ao contrário. Sendo que a cor preta parecia-lhes algo alegre, enquanto que o branco lembrava-lhes a tristeza.

Além disso, frente aos estranhos, os orientais tiravam os calçados e se sentavam, costume esse bem oposto ao do ocidental de se colocar de pé e retirar o chapéu. Os sons que embalavam suas músicas são um tormento para um ocidental; para eles, por sua vez, um acorde europeu deixa-os tontos ou com os tímpanos dilacerados. Inclusive a maneira de curar os doentes era totalmente diferente: o que um europeu recomenda como dieta para alguém acamado é inteiramente distinto da receita japonesa. Sem esquecer de mencionar que montavam no cavalo pelo outro lado.

Suas refeições são modestas e higiênicas, sempre acompanhadas por uma bebida quente, inclusive em pleno verão. Comem com *faxies*, com dois pauzinhos, desprezando o garfo ou a colher. Enquanto nas travessas do ocidental reina um assado, de rês, frango ou porco, na mesa do lar japonês impera soberano o peixe cru acompanhado de *sushi*, o apreciado quitute de arroz. Para um é o grelhado, para o outro é o fervido. O hábito de se sentar sobre os calcanhares ou com as pernas cruzadas, para eles é um descanso, para o ocidental, um suplício.

No tocante às relações pessoais ou funcionais, o japonês que se preza jamais se queixa frente a uma pessoa, especialmente seu superior. Considera isso de extremo mau gosto, uma descortesia. Quando encontram alguém é uma ocasião para manifestar satisfação e alegria e não para desfiar lamúrias ou lágrimas.(*)

Entendeu, o padre Valignano, que o Japão, talvez, inconscientemente, havia adotado uma infinidade de costumes com o firme propósito de ser diferente de todo o mundo. E, de fato, o era.

A perplexidade para com o comportamento japonês prosseguiu por séculos adiante. Nos estertores da Segunda Guerra Mundial, o governo dos Estados Unidos solicitou à antropóloga Ruth Benedict que produzisse um texto para ajudar, de alguma forma, a entender os nipônicos, visto que os combates, ainda que intensos e mortíferos, estavam aproximando-se do desenlace final e os norte-americanos nada sabiam do país que, em breve, iriam ocupar. Foi assim que nasceu um dos clássicos das ciências sociais, intitulado *O*

Crisântemo e a Espada, 1945, e que veio a ser uma das melhores introduções ao entendimento da sociedade japonesa da nossa época.

(*) Significativo deste interdito que recomenda que um vassalo não apresente queixa, é a história de Sogoro Kiuchi, senhor de Kozumaru, hoje Narita, ocorrida em 1652, que se apresentou ao xogum Tokugawa Ietsuna para dizer-lhe que a população local, devastada pela fome e reduzida à pobreza extrema, estava impedida de pagar as taxas. O xogum acolheu a demanda, mas ordenou que Sogoro e sua família fossem executados, o que ocorreu em 3 de agosto, de 1653.

O Feito do Japão

Composto por uma conjunção geológica formada por mais de três mil ilhas que se estendem ao largo da costa oriental do Oceano Pacífico, vizinho da Rússia, da China e da Coréia, o Japão, banhado pelo Mar do Okhurt e pelo Mar do Japão, apesar das suas modestas extensões geográficas e condições econômicas, foi o único país do mundo e o primeiro da Ásia a enfrentar econômica e militarmente, em diversas ocasiões, os maiores poderes existentes na terra.

Primeira potência econômica e militar que se projetara no Oriente, na busca do seu lugar na constelação dos poderes universais, entre os anos de 1931 a 1945, chegou a conquistar um território de 5.441.600 km², povoado por mais de 450 milhões de indivíduos.

Como isso foi possível? Como um arquipélago montanhoso, que conta com 188 vulcões, atormentado por furacões e terremotos, pobre em minerais, petróleo ou ouro, circulando numa órbita própria tal como se fora um outro planeta, conseguiu tanto poder e projeção internacional em tão curto espaço de tempo, desconhecida entre os demais habitantes da Ásia?

A mais plausível das explicações encontra-se na peculiar conjugação de elementos que atuaram sincronicamente naquela direção ao longo dos últimos dois séculos de história, entre os quais, em primeiro lugar, identifica-se a determinação inquebrantável da

genro, a elite imperial japonesa, em dotar o seu país de um poderio sem igual naquelas paragens. Em segundo lugar, tamanho feito deveu-se às históricas qualidades de disciplina coletiva da sua população, combinadas com a sua excepcional capacidade de trabalho. E, em terceiro, a ausência entre eles de uma mentalidade subdesenvolvida. Nota-se, nos japoneses, a inexistência de um complexo de inferioridade em relação ao colonialismo europeu, complexo esse muito comum entre os povos asiáticos, que os levou a assumir, por vezes, uma psicologia paralisante e a prestar uma "servidão voluntária" ao homem branco recém chegado por lá.

Divisão Geográfica e Histórica



Situadas no Mar do Japão, as ilhas que compõem o país estendem-se do norte ao sul, partindo da península de Kamchatka, no mar de Okhotsk, até aproximarem-se da península da Coréia, das quais se acham separadas pelo estreito de Tsushima e o da Coréia, de apenas 170 km de extensão. Quatro delas, devido a suas dimensões e densidades demográficas, são as mais importantes: as ilhas de Hokaido, Honshu, Shikoku e Kyushu, que, somadas às demais, alcançam a extensão de 372 mil km², com uma população que, em 2000, ultrapassava os 127 milhões de habitantes.

Recorrendo a uma imagem figurada, poderíamos dizer que a cabeça do arquipélago nipônico encontra-se banhada pelas águas glaciais do mar de Okhotsk, enquanto seus pés, fixados na ilha de Okinawa, a 2.700 quilômetros mais abaixo, estão envoltos pelas águas quentes da bacia do mar das Filipinas.

A origem dos seus primeiros povoadores seguramente situa-se na China continental, ao redor dos anos 5 mil a.C., ou mais, de onde importaram a religião confucionista e a budista, como também a escrita ideográfica.

Os historiadores subdividiram a história do Japão em diversos períodos cujas denominações são: Jomon-Yayoi (300 a.C. - 300); Kofun (300-538); Asuka (538-710); Nara (710-784); Heian (794-1185); Kamekura (1192-1333); Muromachi (1338-1573) Azuchi-Momoyama (1573-1603); Edo (1603-1867), Meiji (1868-1912); Taisho (1912-1926); Showa (1926-1989) e a Heisen (desde 1989), cobrindo assim 2.300 anos de história, desde os tempos míticos até o presente.

Todavia, apenas os últimos 300 e poucos anos serão objeto da exposição que se segue, basicamente concentrada nos períodos Edo e Meiji, que cobrem o tempo em torno do ano de 1600 às proximidades de 1914, e que se encaixam nas fases *kindai* e *gendai*, isto é, moderna e contemporânea, da história nipônica. Séculos fundamentais esses, pois registraram a transformação da sociedade japonesa - de uma estrutura marcadamente feudal, numa outra, crescentemente moderna e capitalista - sem que o culto e o respeito às tradições fosse, com isso, abandonado ou esquecido.

A Era dos Estados em Guerra

O imperador (*tenno*) e o comandante militar (*xogun*) foram as personalidades políticas dominantes em boa parte da história do Japão Medieval, época em que não havia centralização política ou administrativa e sim uma espécie de separação entre aquele que representava o poder divino (o *Mikado*) e o que exercia o poder secular (o governante do *bakufu*).

A partir do século XII, com a ascensão de Yoritomo Minamoto, após a guerra civil de Genpei, vencida por ele em 1185, o poder político passou a ser exercido diretamente pelo *xogum*. Todavia, a sua autoridade era permanentemente desafiada pelos *daimyos*, os senhores feudais que tinham os *hans*, os domínios, sob o seu controle. A casta dominante dividiu-se, desde então, entre os cortesãos que compunham a *kuge*, a corte do imperador sediado em Kioto, e os guerreiros samurais que obedeciam ao *xogum,* o qual, depois de ter governado outras cidades, instalou-se em Edo (Tóquio).

O Japão, das tantas coisas que imitou a China, jamais aderiu ao tipo de administração conhecida como o regime dos Mandarins, pelo qual o imperador controla as províncias por meio de um funcionário seu, o mandarim, indivíduo selecionado através de um rigoroso concurso público.



Samurais em combates permanentes

Guerras endêmicas

Foi na época do xogunato Ashikaga, no século XV, que a crise de autoridade aprofundou-se, ocasião em que vários chefes clânicos (Hogo, Takeda, Uesugui, Mori e Imagwa) entraram em guerra entre si para conquistar o xogunato e ficarem com o poder. Esse triste período da história nacional foi denominado como *Sengoku-jidai*, a Era dos Estados em Guerra, cuja primeira fase estendeu-se por mais de um século, entre 1467, ocasião do princípio da Guerra *Onin*, até a emergência de Oda Nobunaga como o novo "homem-forte" do país e o primeiro dos reunificadores, em 1568.

Entrementes, dois outros episódios importantes daquela época merecem atenção:

1) A sangrenta guerra travada entre dois poderosíssimos "senhores-da-guerra", Takeda Shingen e Uesugi Kenshin, que acumulavam a chefia de seitas budistas rivais pelo controle da região central denominada Kawanakajima, onde estava a província de Shinano, o que os arrastou por um conflito no qual se travaram cinco batalhas, uma guerra que perdurou por 12 anos, de 1553 a 1564.

2) A supressão da ordem dos *sohei*, monges guerreiros da seita de *Ikko-ikki* (a Liga dos Devotos), fanáticos adoradores de Buda. Formavam uma poderosa coligação de camponeses pobres, monges e *ronins*, samurais que haviam perdido sua posição e que haviam se rebelado, no século XV, na província de Kaga, contra o governo. A seita chegou a tomar vários castelos, construindo o seu centro espiritual no Mosteiro de Enryakuji, situado no Monte Heiji, tendo Kioto aos seus pés. Coube ao *daimyo* Toyotomi Hideyoshi e ao *xogum* Tokugawa Ieyasu, contando com apoio local, darem um fim à independência que a seita possuía (Tokugawa ordenou o arraso de mais de 3 mil prédios, edifícios e templos controlados pela *Ikko-ikki)*.

A exaustão dos contendores depois de quase um século de guerra, o empobrecimento e a miséria em que as ilhas se encontravam, facilitaram o caminho para que, nos séculos seguintes, um regime autoritário, quase que uma ditadura militar, mais forte do que o absolutismo europeu, fosse instalado no Japão: o Xogunato Tokugawa.

Na fase final do conflito, entre 1568-1600, três *daimyos* destacaram-se, os "Três Unificadores": Oda Nobunaga (morto em 1582), Toyotomi Hideoshi (morto em 1598) e Togukawa Ieyasu (falecido em 1616). Eles, em etapas subseqüentes, conseguiram reunificar o Império dilacerado pela guerra civil destrutiva que se arrastara por bem mais de um século. A batalha derradeira foi a de Sekigahara, travada no ano de 1600, ocasião em que Tokugawa Ieyasu, investido como *Seii Taixogum*, contando com o auxílio de 3 mil mosqueteiros, conseguiu derrotar o último rebelde.

Idade de Ouro do Samurai



Um samurai

Exatamente por viverem em meio às guerras endêmicas, o prestígio dos espadachins atingiu as nuvens. Aquela fora a época de ouro dos samurais, pois eles se tornaram os instrumentos mais importantes à disposição dos *daimyos* para fazerem frente aos seus rivais. Entre tantos, destacou-se o nome de Miyamoto Musashi (1584-1645), um duelista lendário por sua coragem e habilidade no uso das espadas, fundador de um estilo de esgrima, o *Niten Ichiryu*, que conseguiu sobreviver a incontáveis combates travados contra outros especialistas, seus rivais.

De certo modo, ele se tornou uma figura emblemática como o que ocorreu com muitos dos guerreiros quando a paz se instalou, pois Musashi, após ter aposentado sua *katana,* aos 50 anos de idade, dedicou-se à pintura e à poesia, levando uma vida de homem cultivado, escolhendo o castelo de Kunatomo como retiro. Chegou a publicar um livro famoso, intitulado *Gorin No Sho* (O Livro dos Cinco Anéis: terra, água; fogo, vento e o vazio, de 1644-5), um manual estratégico de orientação para a luta, até hoje usado, o que fez com que o povo o chamasse de *Kensei*, "o santo da espada".

Organização do Xogunato

A imposição da Paz Tokugawa, ao redor do ano de 1600, implicou a aceleração da política da reunificação nacional. O *xogum* vitorioso, após ter eliminado a turbulência dos senhores-da-guerra e das seitas insubmissas, introduzindo um governo centralizado ao redor do *bakufu* (palavra que originalmente significava acampamento, mas que se tornou sinônimo de governo), estabeleceu o império do *bakuhan* (xogunato e seus domínios).



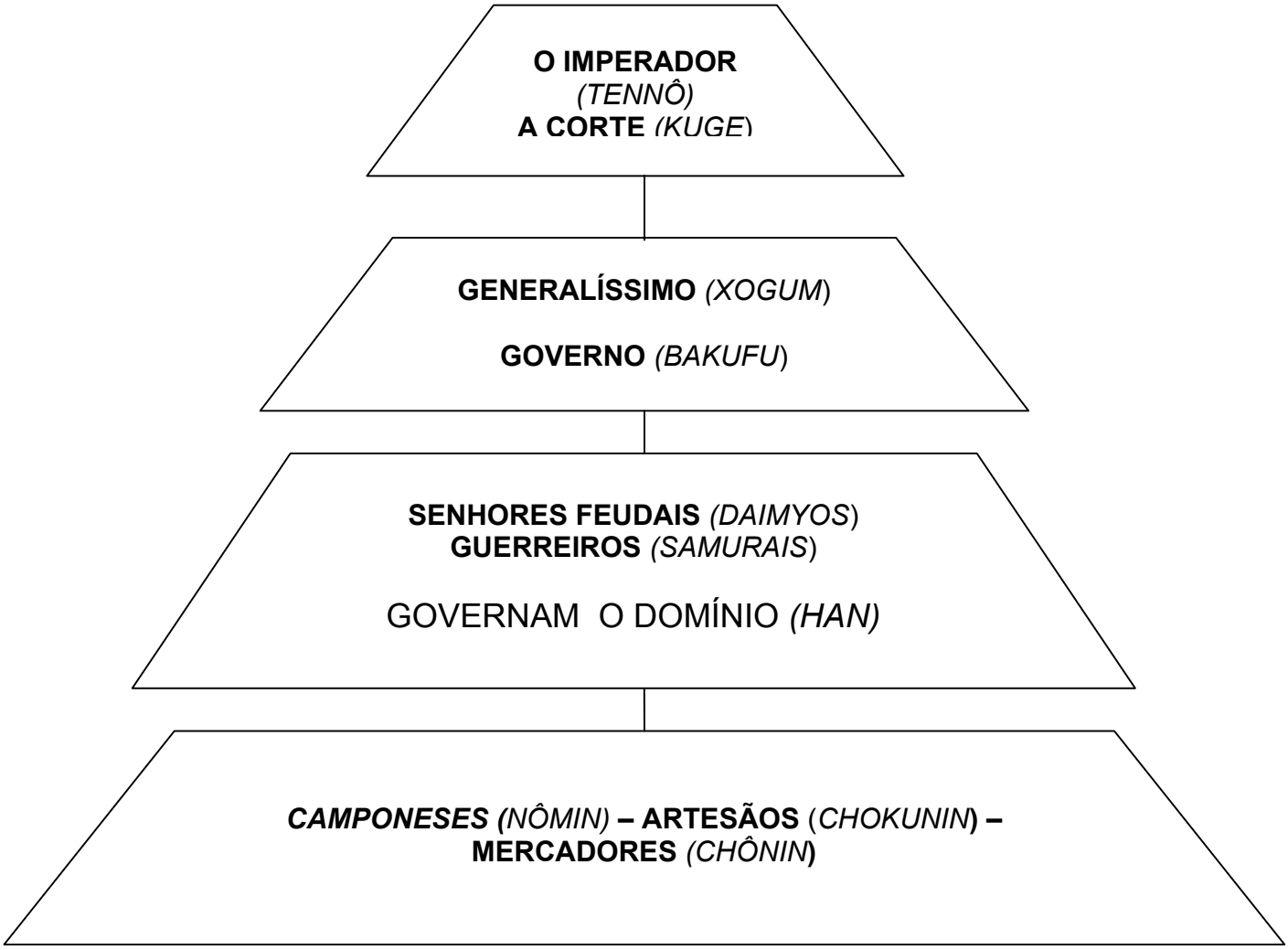
O castelo de Xogum

Além disso, o *xogum* reforçou o sistema social hierárquico, criando normas restritas para cada profissão ou função. Vedou aos samurais praticarem o comércio, mas facilitou-lhes o acesso à administração, como gerentes qualificados e supervisores dos feudos. Cada japonês, ao nascer, tinha uma função previamente determinada, fosse camponês, artesão, um desprezível mercador ou um guerreiro. Cada um deles tinha um vestuário próprio e um estatuto diferenciado dos demais. Foi como se o *xogum* tentasse congelar uma sociedade inteira num rígido e hierárquico quadro social.

HIERARQUIA POLÍTICA E SOCIAL DO JAPÃO

XOGUNAL

(1600 – 1867)



Apresentando-se ao *Xogum*

Com sede no Castelo de Edo (Tóquio), o *xogum*, segundo a prática do *sankin-kotai*, exigia que cada *daimyo* deixasse, em anos alternativos, alguém da sua família como refém no palácio, para assim dar garantias de fidelidade; ou que habitasse uma casa, adrede, construída na capital, nas cercanias do xogum, pelo menos por seis meses. Os 250 hans (domínios), espalhados pelas ilhas, eram diretamente administrados pelos senhores feudais seguidores de confiança da dinastia Tokugawa, subdivididos entre os Senhores Internos (gente dos Tokugawa) e os Senhores Externos (que antes lhe fizeram oposição).



O senhor feudal e o seu séqüito.

Por ocasião das cerimônias das Cinco Estações, presentes em frente ao *bakufu* Tokugawa, os governadores dos domínios de Okayama, Fukuoka, Kurume, Tottori, Satsuma, Izumo e Sendai, controlados por integrantes da dinastia governante, apresentavam-se, e vinham acompanhados por enorme séqüito que os acompanhava. Compunham uma procissão de samurais, guardas, lacaios e damas-de-companhia que, seguindo o senhor na liteira, marchavam até a capital por uma das cinco grandes estradas do país. Cumprindo com

a obrigação do *daimyo gyoretsu,* vinham prestar seus respeitos ao xogum na *honmaru*, a sala de audiências do palácio.

Enquanto o *daimyo* submetia-se ao ritual, a *entourage* que o seguia ficava do lado de fora dos muros, numa enorme esplanada aberta ao público. Várias dessas apresentações, nas quais o vassalo cumpre o ritual de fidelidade e obediência ao seu senhor, foram testemunhadas por um artista chamado Kyosai Kiyomitsu, que deixou retratos datados de julho de 1847.

O Banimento do Cristianismo

Como determinação importante do processo de unificação, que levou ao aprofundamento e radicalização da estratégia do *sakoku*, do total isolamento do Japão, o Xogunato voltou-se contra a presença do cristianismo e de mercadores europeus nos bairros dos portos do país. Desde o desembarque de S.Francisco Xavier, em 1545, a crença do Nazareno lá se fizera presente. Muitos *daimyos*, especialmente os dos arredores do porto de Nagasaki, haviam-se convertido ao cristianismo esperando tirar vantagens comerciais com os portugueses e outros ocidentais, quando esses começaram a colocar os pés na terra do Sol Nascente, trazendo de longe seus artigos.

Paradoxalmente, a palavra de Cristo ancorou no Japão trazida junto às caixas de armas de fogo vendidas pelos comerciantes portugueses. A decisiva batalha de Sekigahara, que pôs fim à guerra dos clãs, já citada, fora vencida exatamente porque Tokugawa adquirira toda uma carga de mosquetes, as primeiras armas de fogo de precisão introduzidas lá. O que explica, de certo modo, que a reunificação nacional tornou-se possível exatamente porque seu principal capitão-de-guerra dispunha de uma boa quantidade de equipamento bélico, bem superior ao dos demais senhores feudais, habilitando-o a ser o xogum.

Na perseguição desencadeada aos cristãos, a partir de 1612, não havia propriamente uma restrição de ordem teológica, mas sim de segurança nacional. O projeto de unidade e de estabilidade

buscava zelar pela paz interna e pela uniformização religiosa (para tanto, ainda que condescendente com o budismo e o confucionismo, o *xogum* estimulou o Xintoísmo, adotando-o como religião nacional) e, como muitos missionários e padres haviam-se envolvido nas guerras feudais do período anterior, pairava um natural temor das autoridades de que novas rebeldias poderiam contar com o apoio deles. Atrás do pregador cristão, é bom lembrar, sempre vinham os navios ocidentais com seus canhões.

O derradeiro ato de resistência dos cristãos nipônicos, desde que haviam rejeitado o édito de banimento promulgado por Hideyoshi, em 1587, deu-se pela rebelião de Shimabara, de 1638, quando a derrota deles significou a supressão final do cristianismo das ilhas japonesas, dando por fim o que os historiadores europeus denominaram "O Século Cristão" da história do Japão, apesar da doutrina recém chegada jamais ter convertido mais do que 2% da população. Como arremate da *sakoku*, foram suspensas as autorizações dadas aos *nambanjin* (os "bárbaros do sul"): os portugueses perdem sua licença, em 1636, e os holandeses, em 1641.

A partir de então, o Japão manteve-se, pelos dois séculos seguintes, em total isolamento das coisas do mundo: um planeta girando em órbita própria. A xenofobia alastrou-se. Qualquer estrangeiro que naufragasse perto do litoral era colocado num campo especial do qual jamais poderia sair. Até o milenar comércio com a China foi reduzido ao mínimo, permitindo-se, com os estrangeiros, apenas uma relação a conta-gotas na ilha artificial na baía de Nagazaki e em Hirade.

O Período Edo, Unidade e Estabilidade



Oda Nobunaga, um dos reunificadores

Muito contribuiu para o sucesso da rápida industrialização do país e sua modernização acelerada, o fato de que os dois séculos e meio anteriores à Restauração Meiji - o Período Edo (1600-1868) - ter-se caracterizado por legar uma política de unidade e estabilidade mantida pela longa *Pax Tokugawa*, que proporcionou a expansão da agricultura e a difusão do transporte, o que muito colaborou para a formação de um mercado nacional unificado.

Com isso, projetou-se uma nova classe social enriquecida, uma burguesia que nascia dos poros do feudalismo graças ao aumento do comércio e das finanças, associada ao artesanato e à produção industrial de alimentos em geral, promoção industrial esta que

contou com forte apoio dos governos locais e da autoridade central. E, devido à relativa tranqüilidade que o país conheceu naquele período, o nível médio de educação da população tornou-se elevado, muito superior a qualquer outro da Ásia daqueles tempos.

Parte disso, da ampliação e difusão do ensino, deveu-se à reciclagem ocorrida com a casta dos samurais, pois cessando os conflitos entre os clãs, devido à campanha de pacificação imposta pelo Xogunato, os antigos guerreiros viram-se forçados a procurar outras funções, nas quais tentaram preservar as tradições, especialmente o Código Bushidô, com sua ênfase na retidão, justiça, coragem, benevolência, polidez, sinceridade, honra, lealdade e autocontrole.

Para melhor entender o espírito de um samurai, nada melhor do que reproduzir um trecho dos "Conselhos ao Samurai":

"*O Destino está no Céu, a armadura frente ao peito, o sucesso deve-se à agilidade das pernas. Vá para a batalha confiando na vitória. Entre em combate determinado a morrer e você sairá vivo dele. Se você sai de casa determinado a não voltar a vê-la, você retornará a salvo; se você tiver um só pensamento de que irá retornar certamente você não voltará. Você não esta errado ao pensar que o mundo esta sempre sujeito a mudança, mas o guerreiro não deve distrair-se com tal tipo de pensamento, pois para ele o destino já está determinado"* (de Uesugi Kenshin, 1530-1578).

Reciclando os guerreiros

Dedicaram-se, então, à educação e instrução dos estudantes, tarefa que ficou ao seu encargo. "Agora nós desaparecemos", deixou então registrado o samurai Hôjô Ujimasa (1538-1590), "bem, o que se pode pensar disto? Do céu nós viemos. Agora precisamos retornar".

A obsessão nacional pela hierarquia, disciplina e o culto às virtudes militares daí decorrentes, que modelou os jovens japoneses ao longo dos séculos, foi a conseqüência lógica do fato de os

cavaleiros da espada terem se assumido como mestres-de-ensino ou em escritores e poetas que, naturalmente, celebravam aqueles valores, bem como os feitos notáveis dos espadachins do passado. Trocaram a arena pela lousa do quadro negro, mas a psicologia permaneceu a mesma.

Outros não tiveram tal sorte. Muitos samurais atingidos pela desativação da guerra mergulharam no desemprego e na pobreza. Tornaram-se *ronin*, isso é, "sem senhor", vagando pelos castelos e feudos, humilhados e satirizados, atrás de uma colocação ou servindo como guarda-costas, mercenários e, até mesmo, como bandidos. O nome de muitos virou uma legenda negra, indigna de pertencerem à casta dos guerreiros honrados.

Todavia, 47 deles alcançaram a celebridade ao vingarem, na noite de 14 de dezembro de 1702, a morte do ex-senhor (um tal de Asano, obrigado a se suicidar), atacando a fortaleza de um seu inimigo e matando- o.

O xogum determinou que, por infringirem o ordenamento da paz, praticassem o *seppuku*, o ritual do suicídio. Até hoje, a tumba dos 47 é atração em Sengakuji.

O Nascimento do Teatro e Demais Artes



Chikamatsu

O clima, de relativa paz interna, proporcionou um prodigioso florescimento das artes japonesas, ensejando o chamado período *Genroku*, de 1688 a 1704. O renascer criativo, que lançou as bases do teatro *bakufu* (cuja primeira performance, ao redor do ano de 1600, deve-se à atriz-bailarina Okuni de Izumo), à proliferação do *bunraku*, o popularíssimo teatro de bonecos que logo seduziu as populações urbanas, e, por fim, ao aparecimento de três homens-de-

letras de insuperável talento: os poetas Matsuo Basho (1644-1694), famoso pelos seus *haikai*, curtos versos cômicos; Ihara Saikaku (1642-1693), que praticamente inaugurou a *ukiyozoshi,* a prosa popular, o que fez dele um famoso autor de best-sellers; e Chikamatsu Monzaemon (1653-1725), autor de mais de 100 peças para o teatro de bonecos e de mais de 30, para o teatro *kabuki*, nas quais explorou o tema do suicídio, consagrado como o primeiro escritor profissional da história do Japão moderno.

O perigo branco



A chegada dos barcos negros do comodoro Perry (baia de Tóquio, 1853)

A primeira impressão que os japoneses tiveram dos quatro grandes barcos negros do comodoro M.C. Perry foi atordoante. A imagem do "US-Mississippi", o navio-capitania seguido por três outras armações de ferro movidas a vapor, foi terrível para eles. Expelindo fumaça, singrando pela baía de Tóquio, sem que nada as

pudesse deter, pareceu-lhes a chegada dos infernais dragões dos mares. Após ancorar, no dia 8 de julho de 1853, o comodoro enviou um ultimato ao Xogum: o governo assinava um tratado com os Estados Unidos ou outras providências seriam tomadas. (*)

Para lhes dar um prazo, a ele e ao *Rôjô*, o grande conselho dos sábios anciãos que de fato conduzia os negócios do país, Perry retirou-se das águas do Japão. Seis meses depois, em fevereiro de 1854, ele estava de volta, assinando o Tratado de Kanagawa, em 8 de março daquele ano mesmo. Os norte-americanos obtiveram o direito de ancoragem em dois portos do sul e a promessa de não mais deter marinheiros americanos que, por infeliz acaso, naufragassem nas proximidades de suas costas do Japão.

O país entrou em polvorosa. Durante mais de três séculos a política do Xogum visara o total isolamento do arquipélago para evitar qualquer contato com os estrangeiros. Agora, com o simples desfile das belonaves de ferro de Perry com seus canhões eriçados, toda a secular sensação de segurança se fora num só instante. O tão temido *hakka*, o "perigo branco", definitivamente firmara o pé nos portos japoneses.

(*) Com a integração da Califórnia aos Estados Unidos, ocorrida em 1848, abriu-se, para os norte-americanos, a rota do Pacífico em direção à Ásia. Barcos ianques começaram a atingir os portos da China, sendo, então, estratégico para eles manterem um ponto de apoio no litoral do Japão.

O fim do Xogunato

Não demorou para que o xogum (o 15º e que viria a ser o derradeiro deles) fosse constrangido por outros estrangeiros a assinar dois tratados a mais: um com o Império britânico e o outro com a Rússia czarista. A nação se sentiu indignada com os "tratados desiguais" que fora forçada a firmar sob a mira dos canhões. Com o prestígio do governo no chão por ter capitulado frente às forças

ocidentais, ainda que formidáveis, um grupo de reformadores composto por jovens descendentes de samurais e de alguns *daimyos* que representavam a aristocracia feudal, resolveram agir. Adotando o lema *sonnô jôi*, "reponham o imperador e expulsem os bárbaros", que obteve enorme eco pelo país inteiro, eles trataram de derrubar o xogum desmoralizado.

Desde tempos imemoriais, o Japão tinha um imperador cujo poder foi em larga parte puramente simbólico. O Mandato Divino dele, na verdade, servia mais para dar um sentido de unidade religiosa às ilhas do arquipélago. Ele era o Chefe Sagrado, enquanto que o xogum fazia as vezes do Chefe Secular.

Os barões reformistas acreditavam que chegara a hora de pôr um fim naquela dualidade, restituindo ao imperador o poder outrora extraviado. Capitaneados por Sakamoto Ryoma, Katsu Kaishu, Saigo Takamori, Yoshida Shoin, Takechi Hanpeita, Takasugi Shinsaku, Katsuria Kogoro e Shinsengui, que representavam os interesses das províncias de Satsuma, Choshu e Tosa, após uma curta guerra civil, a Guerra de Boshin, eles levaram Tokugawa Yoshinobu à renúncia em 9 de novembro de 1867.

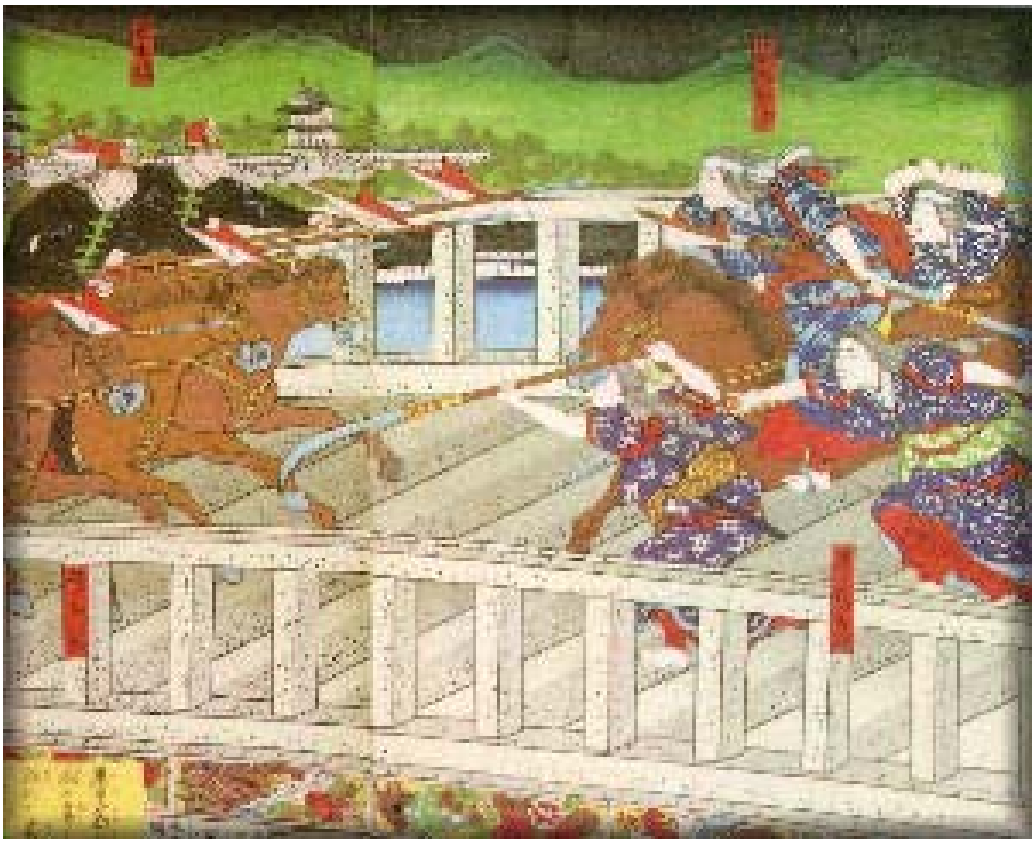
Agiram como se o jovem imperador Mutsohito tivesse recuperado o poder de fato, reunindo, no Mikado, do simbólico ao concreto. Para tornar isso mais explícito, os oligarcas transferiram a corte imperial de Kyoto para Edo (rebatizada como Tóquio).

Eis a razão do período que inauguraram ter sido batizado de Restauração Meiji ("o iluminado", nome que deram ao imperador). Seguiram-se, então, uma série impressionante de reformas políticas e sociais referendadas pelo *Gokajyo no Goseimon,* o Juramento dos Cinco Artigos de abril de 1868, redigido pelo jurista imperial Kido Takayoshi, que propunha como objetivos gerais da nação nipônica:

1. Abertura política. "Criação de várias assembléias, com poderes deliberativos nas quais os assuntos seriam decididos através de uma discussão pública".
2. O fim dos privilégios. "Dali em diante todas as classes, alta e baixa, participariam na administração das coisas do Estado".

3. Abolição do sistema social feudal. “Doravante os cidadãos comuns, fossem de origem civil ou militar, seriam livres para seguirem o seu próprio caminho, não sendo mais obrigados a obedecerem às imposições hereditárias”.
4. Reforma dos Costumes. “Os modos perversos do passado seriam banidos e tudo seria encarado segundo as leis normais da natureza”.
5. Busca do Conhecimento. “Procurar-se-iam adquirir novos saberes pelo mundo afora a fim de esclarecer o povo e fortalecer o poder imperial”.

A rebelião Satsuma



Dois mundos se enfrentam (soldados contra samurais)

Ocorreu que a profundidade daquelas medidas desagradou a casta guerreira. O projeto militar aprovado pelo Meiji, implicou a formação de um exército de conscritos, camponeses adestrados com novos fuzis e canhões, em substituição aos corpos de samurais com suas espadas longas, algo anacrônico no Japão moderno. Não tardou para que as autoridades proibissem aos espadachins de exibirem suas adagas pelas ruas. Foi a gota d'água para que a insatisfação dos samurais explodisse.

Quem liderou a insurgência de 1876 contra as novas restrições, consideradas ultrajantes, foi justamente um dos maiores próceres da Restauração Meiji, um dos Três Reformadores: Saigo Takamori (1827-1877). Tempos antes, inconformado com o rumo das coisas, rompendo com seus pares e assumindo a bandeira do tradicionalismo ele se retirou para o castelo de Satsuma, em Kagoshima (província que mais cultuava o *Bushido*, tida como a Prússia do Japão). Acreditando que o imperador tinha sido eclipsado pela Oligarquia Meiji, Saigo rebelou o clã Shimazu de Satsuma lançando-se numa guerra civil de curto fôlego.

Samurais contra canhões

A batalha de Shiroyama, travada no dia 24 de setembro de 1877, entre o exército imperial e os guerreiros rebeldes de Takamori, foi ao mesmo tempo decisiva e emblemática. De um lado do campo estava a Modernidade, no outro, a Tradição. Trezentos mil homens foram mobilizados para desbaratar os 25 mil samurais insurretos. Seis mil deles foram massacrados pelo moderno equipamento bélico adquirido pelo governo imperial. O fim de Saigo Takamori assumiu, então, ares lendários. Uns asseguraram que ele, ferido, ao fim da batalha no monte Tahara-zaka, pedira a um seguidor que o decapitasse; outros disseram que teria cometido o *seppuku*, o suicídio ritual ao se ver ferido, atingido por uma bala.

O povo, todavia, deu para acreditar que ele, saindo pelos ares, refugiara-se num reino distante, na Índia, na China ou mesmo na Rússia, de onde algum dia certamente voltaria com sua *katana* em

punho para trazer justiça a todos. Séculos antes um samurai-poeta havia escrito:

Vento do outono ao anoitecer sopra para bem longe as nuvens que cobriam a lua com seu brilho puro / e a névoa que cobria a nossa mente foi afastada para bem longe / Agora nós desaparecemos, bem, o que se pode pensar disto? Do céu nós viemos. Agora precisamos retornar.

Hôjô Ujimasa (1538-1590)

O último samurai

Os japoneses afirmam que Saigo Takamori, morto aos 50 anos, em 1877, foi o derradeiro samurai, o último grande mestre-de-armas que, com a espada na mão, lutou até o fim para preservar os fundamentos da sua casta. O código do guerreiro que ele encarnava mais do que qualquer outro, estava por desaparecer na avalanche da modernidade provocada pelas reformas ocidentalizantes radicais adotadas na Restauração Meiji (1867-1912), época de ruptura na qual a pólvora fez desaparecer definitivamente a importância da espada. Aos olhos do povo, porém, que lhe admirava a bravura, ele se sacrificou como um herói na defesa da *kokutai*, a originalíssima cultura nacional. Por isso, até hoje reverenciam a estátua dele no Parque Central de Tóquio.

Construindo um novo país

Um dos aspectos mais notáveis da moderna história japonesa afirma-se na determinação em mudar totalmente as bases sociais, políticas e econômicas do país, importando tudo o que fosse possível. Esta posição foi assumida integralmente pelo poder colegiado aristocrático que cercava o imperador, particularmente durante a atuação de Okubo Toshimichi, tido como o Bismarck japonês, assassinado por um fanático quando era titular do

ministério do interior, em 1878 (os outros dois reformadores eram Saigo Takamori e Kigo Takayoshi).

Tal maneira de agir não era uma novidade, pois, no passado remoto, os japoneses haviam trazido praticamente tudo da China, sua vizinha. Povo de índole pragmática, depois dos estragos psicológicos e morais feitos pela presença agressiva ocidental, representada pela esquadra do comodoro Perry, tratou de procurar copiar o que lhes interessava no mundo conhecido de então. A meta deles era alcançar o *Fokuku Kyohei*, "um país rico com um exército forte".

O caso japonês encaixa-se com perfeição no mecanismo de desafio-e-resposta concebido pelo historiador britânico Arnold Toynbee, segundo o qual tribos, povos e nações são constantemente incitados, pela natureza ou pelos outros, a darem a melhor resposta possível, dentro das suas condições, para superarem as dificuldades que têm pela frente, sobreviver e ir adiante.

Acossados pelos maiores impérios do mundo (o norte-americano, o britânico e o russo), os oligarcas decidiram fazer do Japão a grande potência do Oriente. Somente com um Estado forte e uma economia industrializada poderiam barrar o destino de serem dominados como a China, a Indochina e a Indonésia o foram. De longe era preferível uma comunicação voluntária e de intenções pacíficas do que a submissão involuntária ao poder colonialista estrangeiro.

Concluíram, pois, que era preciso apossar-se dos segredos da "magia dos brancos", isto é, a superioridade tecnológica ocidental, instrumento que fazia com que um punhado de europeus ou norte-americanos facilmente controlassem a vida de milhões de asiáticos e os submetesse a sua vontade.

Civilização e Ilustração

Todavia não se tratava apenas de acelerar a importação de artigos, produtos e técnicas dos países mais adiantados do Ocidente, precisava-se, também, mudar profundamente a mentalidade até

então dominante. Para tal, intelectuais como Katô Hiroyuki e Fukuzawa Yukichi, engajaram-se no movimento *Bunmei Kaika*, "Civilização e Ilustração", que visava forjar uma concepção aberta às coisas do mundo, organizando com esse fim o *Meiroku Zasshi*, um jornal de divulgação. Esse teve como meta "tornar-se um guia para o povo comum para tirá-lo da ignorância e conduzi-lo ao esclarecimento da mesma forma que removessem as coisas superadas substituindo-as por coisas novas."

Katô foi ainda mais longe. Na sua obra *Kokutai Shinron* (A Nova Teoria da Essência Nacional, de 1874), atacou diretamente a concepção de estado que predominava entre os asiáticos, segundo a qual a terra e o povo eram propriedades do governante. Pretendeu encontrar na monarquia constitucional a melhor forma de regime possível de abrigar os princípios da teoria do contrato social e acolher os artigos em defesa dos direitos humanos, bem como a revolucionária concepção, aspirada do constitucionalismo norte-americano, de que o povo tinha o direito de resistir aos governantes opressores.

Não só isso: os privilégios de casta e as desigualdades apoiadas na lei deviam ser suprimidos ao tempo em que os direitos de cidadania deviam ser estendidos a todos os japoneses. Até a suspensão da exclusão dos parias (*burakumin*) foi recomendada e acatada por lei de 1876.

Entrementes, para impressionar a população com as maravilhas tecnológicas ocidentais, exposições internacionais foram organizadas em Tóquio, uma em 1877 e outra em 1881, para que o povo tivesse uma impressão clara e palpável dos progressos atingidos por outras nações e assim apoiasse a reforma.

O grande debate da época Meiji deu-se em torno exatamente da *Kokutai*, da Essência Nacional, que seria um conjunto de valores políticos, culturais e religiosos seguidos pelos japoneses e permanentes. Os intelectuais conservadores, especialmente os acadêmicos, consideravam-nos fixos, perenes e inamovíveis. Segundo Motoori Norinaga, falecido em 1801, que havia recorrido ao confucionismo para sedimentar os mitos nacionais, os valores

antigos haviam-se tornado inquestionáveis. Era algo perpétuo. Se assim fosse, argumentaram os reformistas da *Meiroku Zasshi*, nada poderia ser transformado ou alterado no Japão. O país ficaria preso para sempre aos ideais da idade média e aos costumes feudais, tornando-se impossível orientá-lo para o futuro.

Volta ao Mundo



A Missão Iwakura (1871-73)

Entre 1871 e 1873, o governo Meiji despachou para o exterior a Missão Iwakura (liderada pelo Ministro da Justiça Iwakura Tomomi), com a tarefa específica de sondar o que podia ser mais útil ao propósito nacional. Foram aos Estados Unidos e depois a Europa, atrás do que melhor encontrassem. Procedera-a uma outra viagem, essa feita por Fukuzawa Yukichi, um intelectual entusiasta do movimento Civilização e Ilustração, que pertencia ao grupo Meirokusha e que cumprira um sensacional *tour* pelo Ocidente.

Relatou-a em 1866, no seu livro *Seyo-djo* (As condições do Mundo Ocidental), no qual dá testemunho do seu deslumbramento pelas estradas-de-ferro, barcos a vapor, bancos, museus e instituições de ensino que ele visitara. Descrição essa que, tal como

a de Marco Polo na Europa Medieval, teve grande sucesso entre o público japonês, estimulando-o a aceitação da reforma modernizadora.

Depois de uma verdadeira volta ao mundo, os integrantes da Missão Iwakura concluíram que a doutrina militar que lhes pareceu boa foi a francesa, visto a fama do passado napoleônico; a educação técnica era a norte-americana; assim como a melhor tecnologia siderúrgica veio-lhes da Suécia; sendo que selecionaram a língua alemã para a medicina moderna e, para redigirem a legislação constitucional, a prussiana de Bismarck, para assim outorgarem a Carta Imperial de 11 de fevereiro de 1889 (uma verdadeira obra de engenharia tentando conciliar o *Tenno sei*, o sistema monárquico autoritário com medidas e instituições liberais). Para acelerar isso tudo, mais de 500 técnicos e especialistas convidados chegaram ao Japão e, até 1890, eles eram 3 mil.

Paralelamente a isso, como se viu, simplesmente desmontaram "de cima para baixo" a estrutura feudal em que o país vivia há séculos.

Zaibatsu, o grande oligopólio econômico

Do mesmo modo como se deu em alguns países da Europa e Estados Unidos, a expansão industrial do Japão, que tomou vulto desde 1870, foi acompanhada de enorme concentração econômica em torno de empreendimentos tidos como estratégicos. Entretanto, ao contrário dos choques ocorridos entre o governo e os trustes, que se deram nos Estados Unidos, especialmente entre os anos de 1880 e 1920, houve uma integração harmônica entre o governo imperial e os zaibatsu (cliques financeiras). Eram eles que controlavam a exploração mineral, os bancos, a indústria bélica e naval, os têxteis, comércio exterior e tudo o mais que fosse importante.

A decadência dos *daimyos* foi acompanhada pela ascensão dos *zaibatsu*: o cavaleiro da espada deu seu lugar ao cavaleiro da indústria. Do mesmo modo que o *daimyo* não se arriscava a desafiar

o *xogun*, o *zaibatsu* procurava sempre obedecer ao imperador e seguir a estratégia geral determinada.

Ressalte-se que os *zaibatsu*, quase todos formados a partir da segunda metade do século XIX, tinham um enraizamento e difusão nos empreendimentos econômicos nacionais, particularmente sobre os setores mais modernos, muito além dos trustes norte-americanos ou dos *konzern*, os cartéis alemães da época do II° Reich de Bismarck.

Era comum um conglomerado controlar simultaneamente um banco, estaleiros navais, um setor industrial, significativas áreas mercantis e ainda deitar interesses sobre o comércio de importação e exportação, tornando-se, assim, um precursor das multinacionais que proliferaram mais tarde em muitos lugares do mundo. Do mesmo modo que um *daimyo* tinha uma infinidade de outros subalternos, samurais e funcionários a seu serviço, o *zaibatsu*, por igual, controlava incontáveis negócios menores que lhe eram ligados e dependentes.

Ao tempo em que exerciam uma hegemonia quase que total sobre a economia nacional, situação desconhecida no Ocidente, destaca-se o fato de que o comportamento das principais famílias controladoras das ações tinha uma atitude completamente diversa dos seus equivalentes no Ocidente. Elas desconheciam o tão apreciado e perdulário consumo conspícuo, o gasto de ostentação, apontado por Thorstein Vebler como característica marcante dos magnatas e milionários da costa Leste norte-americana e dos ricos em geral.

Ao contrário, educadas na probidade budista ou confucionista, na ética da contenção do desejo e no espírito da poupança, as famílias *zaibatsus* eram sóbrias, discretas, quase que espartanas em seus hábitos, não despendendo senão o necessário à sua existência e posição na sociedade. A figura do ricaço estabanado, esbanjador, pródigo mesmo, tipo o *Grande Gatsby*, personagem da novela homônima de Scott Fitzgerald, era praticamente ignorada no Japão.

Malefícios políticos do zaibatsu

Tal concentração de capital nas mãos de um punhado de clãs econômicos mostrou-se um forte impedimento para que o Japão conseguisse fazer a transição para uma democracia de massas, como estava ocorrendo em boa parte do mundo desenvolvido, entre 1880 e 1914 e contribuiu para que fosse mantida uma sociedade fortemente hierarquizada e autoritária. Por outro lado, tal acúmulo revelou-se extremamente eficaz na decisão de industrializar e modernizar rapidamente o país. Entretanto, tão grave foi este problema da hiper-concentração que os partidos que compunham a *Teikoku Gikai*, a Dieta Imperial, organizavam-se de acordo com a fidelidade que mantinham para com um ou outro *zaibatsus* e não para com seus eleitores.

Ainda que os *zaibatsu* competissem entre si, como foi o caso mais evidente da rivalidade entre a Mitsui e a Mitsubishi, isso não impediu que a concentração de recursos desse mais agilidade aos investimentos de longo prazo. Seja como for, quando se deu a ocupação norte-americana do Japão, a partir de 1945, os novos senhores trataram de desmontar os *zaibatsus* por verem neles a expressão econômica de uma sociedade não-democrática (ou que pudessem mais tarde, com o Japão recuperado, vir a competir com as empresas norte-americanas).



Seria o zaibatsu um dragão moderno?

Os Quatro Grandes *zaibatsus*

Denominação	Fundador	Área de controle
Mitsui	Hachirobei Takatoshi, de Kioto e depois Edo (Tóquio), organizado a partir de 1673.	Inicialmente dedicado ao comércio do vestuário para, em seguida, dedicar-se ao setor financeiro. Desde 1876, o Banco Mitsui tornou-se o maior do Japão.
Mitsubishi (os 3 diamantes)	Iwasaki Yataro, fixado em Osaka, desde 1869.	Finanças e comércio de navegação e cabotagem. Importação de armas e transporte militar.
Yasuda	Yasuda Zenjiro, a partir de 1867.	Complexo financeiro-industrial, negócios com ouro&prata e também serviços bancários.
Sumimoto	Sumimoto Masatoma	Setor de mineração, fundições e refinarias de cobre desde 1590.

Além desses quatro, destacam-se ainda os zaibatsus de Okura (fabricação de Armas), Furukawa (minas de cobre), Kuhara (minas de prata), Suzuki (óleo, siderurgia e refino), Fujita (alimentação e engenharia civil), Asano (abastecimento de carvão, gás e cimento).

Expansão, guerra e catástrofe

Desde 1894-5, data da primeira Guerra Sino-japonesa, travada pelo controle sobre a Coréia, até 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial, o assim chamado Império do Sol Nascente, em apenas meio século, guerreou com a China (em 1895 e, de novo, entre 1937 e 1945), com Rússia por duas vezes (em 1904-5, e em 1945) e com os Estados Unidos (de 1941 a 1945).

Além destas três grandes potências, as maiores e mais extensas do mundo todo, lutou, no transcurso da Segunda Guerra Mundial, pelo controle do sudeste da Ásia, imensa área que o Japão desejou integrar à sua - assim dita - Esfera de Co-prosperidade. Também fez frente à presença do colonialismo europeu: desafiando, simultaneamente, o Império Britânico (de quem tomou Hong-Kong, a Malásia e a Birmânia, entre 1940-1945), o Império Francês (ocupando a Indochina, em 1940) e o Império Holandês (tirando-lhe a Indonésia, 1940-45).

Portanto, em apenas 50 anos, o Japão, praticamente engalfinhou-se com mais de meio mundo em algum tipo de guerra. Em números quantitativos não há como não se impressionar. Naquelas décadas o país, com uma àrea de apenas 378 mil km² e uma população que em 1940 atingira 73 milhões de habitantes, resistiu a uma coligação de potências que tinham quase 42 milhões de km², cujas populações seguramente chegavam a 1 bilhão de habitantes.

Fracassado o intento de estabelecer, durante a Segunda Guerra Mundial, um domínio sobre grande parte da Ásia, a nação pagou um preço caro e excessivamente doloroso por se enfrentar com tantas potências. Foi a grande catástrofe nacional.

Depois de ter suas principais cidades arrasadas por grandes bombardeios incendiários (a destruição de Tóquio levada a acabo pela força aérea dos Estados Unidos, em março de 1945, provocou mais vítimas do que as duas bombas atômicas), ainda padeceu pela liquidação de duas das suas cidades portuárias, Hiroxima e Nagasaki, que foram totalmente devastadas, em agosto de 1945, por explosões nucleares.



O que restou de Hiroxima (6 de agosto de 1945)

Paz e reconstrução

Nada disso impediu que, em tempo relativamente curto, especialmente a partir da década de 1950, o Japão voltasse novamente a se erguer. Peça estratégica de extrema importância para o controle norte-americano do Extremo-Oriente, o governo do país do Sol Nascente viu-se promovido a principal aliado dos Estados Unidos naquela região, fronteira com a China comunista e com a então União Soviética. O Japão, então, encontrou forças para um novo renascer. Literalmente, reconstruiu-se dos escombros e das cinzas

O resultado disso, acompanhado pela acelerada adaptação aos padrões americanos de técnica e produção, foi que a economia japonesa simplesmente decolou, fazendo com que se tornasse a segunda maior do mundo, com um PNB de quase $ 5 trilhões de dólares e com uma renda nacional das mais elevadas que se conhece. O Japão do após-guerra mais uma vez espantou o mundo. Expôs a todos as suas excepcionais qualificações para superar os desafios que a história e a política lhe colocaram ao longo dos séculos, fazendo com que um arquipélago pobre e longínquo servisse de exemplo para a humanidade.

Termos

Bakufu	"Acampamento". Residência do governante militar que se transformou com o tempo em sinônimo de governo central, composto pelo *xogum* e pelo seu ministério.
Daimyo	"Grande nome", designação comum ao governante regional ou senhor feudal do Período *Edo* que controlava uma província (*han*) ou uma região. Estava subordinado ao *xogum* a quem devia obediência e submissão, mantendo junto de si, no seu castelo, um número respeitável de samurais postos a seu serviço.
Edo	Antigo nome de Tóquio. *Edo* significava literalmente a boca da baía. Incidentalmente, Tóquio era a capital oriental, enquanto Kioto, era a tradicional capital ocidental.O Período *Edo* foi a época da Paz Tokugawa que trouxe estabilidade e unidade para o Japão.
Han	Governo local aos cuidados de um *daimyo*. Podia ser tanto uma província, como uma municipalidade.
Tenno	Imperador. Chefe mítico do Japão, símbolo da unidade étnica, cultural e territorial do país. Segundo a mitologia oficial, Jimmu Tenno, o primeiro imperador, fundador da dinastia, descendia diretamente da deusa Amaterasu. Também se utiliza a palavra Mikado para lhe definir o título, bem como, para designar o chefe religioso supremo do país.
Xogum	O generalíssimo. Significava nos seus princípios, o "supremo comandante que havia submetido os bárbaros", com o tempo, a partir do século XII, tornou-se o governante de fato do Japão, enquanto que o imperador representava a unidade simbólica do país. O primeiro *xogum* foi Minamoto Yoritomo (1147-1199)

Bibliografia

ALLINSON, Gary D. ***Japan's Postwar History***. Ithaca, NovaYork: Cornell University Press, 1997.

ALVAREZ-TALADRIZ, J.L. (ed) - ***Alejandro Valignano SJ: Sumario de las cosas de Japon (1583), Adiciones del sumario de Japon*** *(1592)*, MN monographs 9, Sophia Universit, 1953.

BENEDICT, Ruth – ***O crisântemo e a espada***. São Paulo, Editora Perspectiva, 2002.

CALVET, Robert - ***Les Japonais.: Histoire d'un people*****.** Paris: Armand Colin, 2003**.**

ELISSEEF, Danielle - ***Histoire du Japon***. Paris: Editions du Rocher, 2001.

HALL, Whitney, John – ***El Império Japonés***. Madri: Editorial Siglo XXI, 1970.

HIDEMASA MORIKAWA**, -** ***Zaibatsu: The Rise and Fall of Family Enterprise Groups in Japan*****,** University of Tokyo Press, 1992.

IKEGAMI, Eiko - ***The Taming of the Samurai: Honorific Individualism and the Making of Modern Japan***, Harvard University Press, 1995.

HIDEMASA, Morikawa – ***Zaibatsu- The rise and fall of family enterprise groups in Japan.***Tóquio***:*** University of Tokyo Press, 1992.

MIYAMOTO, Musashi – ***O Livro dos Cinco Anéis***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003

MOORE JR., Barrington – ***As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno***. Lisboa-São Paulo: Edições Cosmos-Livraria Martins Fontes, 1975.

MURDOCH, James e Isoh, Yamagata - ***A History of Japan During the Century of Early Foreign Intercourse (1542 - 1651), With Maps***, Kobe, Japão, 1903.

MUTEL, J. – ***Japon: el fin del Shogunato y el Japon Meiji, 1853/1912***. Barcelona: Editorial Vicens-Vives, 1972.

RICHARD B. - ***Downfall: The End of the Imperial Japanese Empire***. Londres: Penguin Books, 2001

REISCHAUER, Edwin O. ***Japon, historia de uma nación***. México: Fondo de Cultura Econômica, 1986.

SABOURET, Jean-François (org.)- ***Japon, peuple et civilization*****.** Paris: La Découverte, 2004**.**

TAKAFUSA Nakamura – ***Desenvolvimento econômico do Japão Moderno***. Tóquio: Minsitério dos negócios Estrangeiros, 1985.

VOGEL, Ezra F. – ***O Japão como Primeira Potência***. Brasília. Universidade de Brasília, 1982.

YUKIO KAIBARA – ***Historia del Japón.*** *México***:** Fondo de Cultura Económica, 2000.